

**“OS PARADOXOS DA FELICIDADE”: SENTIDOS DE *FELICIDADE*  
NO GOVERNO BOLSONARO**

\*\*\*

**“THE PARADOXES OF HAPPINESS”: MEANINGS OF *HAPPINESS*  
IN THE BOLSONARO GOVERNMENT**

Lorena Ferreira Mafra Arcuri<sup>1</sup>

Camila Vieira dos Santos<sup>2</sup>

Adilson Ventura da Silva<sup>3</sup>

**Data de recebimento do texto:** 20/08/2025

**Data de aceite:** 15/09/2025

**Resumo:** Este artigo, sustentado na Semântica do Acontecimento, analisa sentidos de felicidade em dizeres do ex-presidente Jair Bolsonaro. Durante sua campanha de exercício eleitoral, Bolsonaro fez promessas de regenerar o país através de um governo honesto, associando implícita e explicitamente esse compromisso à promoção da felicidade coletiva. No entanto, sua gestão foi marcada por episódios de corrupção e controvérsias, apontando uma contradição, um campo de disputas e ressignificações constantes. Os resultados apontam sentidos de felicidade controversos, relacionados à percepção pública sobre corrupção como construção política.

**Palavras-chave:** Política. Brasil. Semântica do Acontecimento. Corrupção.

**Abstract:** This article, based on the Event Semantics, analyzes meanings of happiness in the words of former President Jair Bolsonaro. During his election campaign, Bolsonaro promised to regenerate the country through honest governance, implicitly and explicitly associating this commitment with the promotion of collective happiness. However, his administration was marked by episodes of corruption and controversy, highlighting a contradiction, a field of constant disputes and resignifications. The results point to controversial meanings of happiness, based on the relationship with the public perception of corruption as a political construct.

**Keywords:** Politics. Brazil. Semantics of the Event. Corruption.

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), bolsista FAPESB. Endereço eletrônico: [lore.mafra6@hotmail.com](mailto:lore.mafra6@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), bolsista CAPES. Endereço eletrônico: [camila\\_vieira\\_2@hotmail.com](mailto:camila_vieira_2@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Linguística pela UNICAMP; professor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: [adilson.ventura@gmail.com](mailto:adilson.ventura@gmail.com)

## Introdução

Os sentidos de felicidade são variados e complexos, refletindo uma gama de experiências que vão desde momentos de prazer efêmero até estados duradouros de realização pessoal. Em “Dicionário Incompleto da Felicidade”, Isaac Epstein explora essa diversidade ao tratar a felicidade como um conjunto de pequenas alegrias e percepções que se somam ao longo da vida, sugerindo que a felicidade não é um estado contínuo, mas um mosaico de instantes significativos (EPSTEIN, 2018).

Desde a antiguidade, questões relacionadas à felicidade são discutidas por filósofos, escritores e poetas que buscavam “descrever, interpretar, analisar e exprimir em metáforas ou poemas a sensação de felicidade” (EPSTEIN, 2018, p.07). Sócrates considerava que a felicidade era o bem da alma que só podia ser atingido por meio de uma conduta virtuosa e justa. Por outro lado, Platão, maior discípulo de Sócrates, entendia a felicidade como o abandono do mundo das ilusões, dos sentidos, rumo ao mundo das ideias, para o fim de atingir o conhecimento supremo da realidade. Para Aristóteles, a finalidade natural de todos os seres humanos consiste em ter uma vida boa, justa e feliz. De acordo com o filósofo, a felicidade é algo absoluto e autossuficiente, uma vez que não necessita de bens exteriores para ser atingida (ARISTÓTELES, 1991). Já para Santo Agostinho, a felicidade só poderia ser encontrada na verdade divina em união com Deus (JUNIOR E LOPES, 2020).

A complexidade da felicidade é abordada por Epstein (2018) por meio de entradas que, para o autor, revelam como a felicidade é tecida por nuances cotidianas e percepções pessoais. Entre essas entradas, temos a chamada “paradoxos da felicidade”, na qual o autor argumenta como a busca incessante por um ideal de felicidade absoluta pode, paradoxalmente, levar à insatisfação e à frustração, alienando o indivíduo de experiências autênticas. Trazendo essa discussão para um recorte contemporâneo, esse entendimento pode ser relacionado, por exemplo, à contradição entre a retórica de progresso e transparência e os atos que desmoronam a confiança pública no governo Bolsonaro.

Em sua campanha eleitoral, Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil, prometeu uma nova era de honestidade e combate à corrupção e outras mazelas, apresentando-se como um caminho para a regeneração do país e, implícita e explicitamente, para a felicidade coletiva através de um governo limpo e eficiente. Todavia, a realidade das inúmeras acusações e escândalos que marcaram seu governo aponta um paradoxo profundo: a promessa de bem-

estar através de integridade governamental se desfez na prática política, gerando controvérsias.

Durante o mandato de Bolsonaro, diversos episódios contradisseram o discurso mantido durante a campanha e o exercício eleitoral. Entre os casos mais emblemáticos, podemos citar o esquema de “rachadinhas” envolvendo seu filho, Flávio Bolsonaro, que teria desviado parte dos salários de funcionários do gabinete. A gestão do ex-presidente também acumulou críticas severas em relação ao manejo da pandemia de COVID-19, com acusações de negligência, desinformação e indícios de superfaturamento. Esses e outros episódios ilustram a discrepância entre a retórica anticorrupção da campanha e a prática governamental observada, evidenciando um cenário de contradições e polêmicas.

Apesar disso, Bolsonaro seguiu contrapondo as críticas destacando seu compromisso com a promessa de fazer o povo brasileiro feliz a partir do seu governo e das ações de seus parlamentares. Essa tensão pode ser vista como uma manifestação do “político” na acepção de Eduardo Guimarães, onde os sentidos não são fixos, mas disputados e reconfigurados constantemente no campo enunciativo. Temos, portanto, o objetivo deste trabalho: observar quais as significações que constituem o que seja felicidade no governo Bolsonaro, a partir de dizeres do ex-presidente, em recortes jornalísticos veiculados na mídia brasileira.

Para selecionarmos os excertos analisados neste artigo executamos o procedimento de sondagem que tem como finalidade encontrar um enunciado em um recorte do acontecimento de enunciação e explorar esse enunciado enquanto elemento deste recorte e enquanto integrado ao texto, tendo em vista que recorte, para a SA, é um fragmento do acontecimento da enunciação (GUIMARÃES, 2018; SIGLIANI e VENTURA, 2020). Nesse sentido, o procedimento de sondagem compreende um modo de “eleger” enunciados a serem estudados a partir de uma pergunta. A pergunta a ser respondida neste trabalho é a seguinte: quais os sentidos de felicidade no governo bolsonaro? Nessa perspectiva, para analisarmos os sentidos de felicidade, selecionamos 5 (cinco) recortes veiculados na mídia jornalística brasileira.

Fundamentamos nossas análises na Semântica do Acontecimento, teoria desenvolvida por Guimarães, que entende que o sentido “deve ser considerado a partir do funcionamento da linguagem no acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2002, p. 13). Além dos procedimentos enunciativos de Reescrituração, Articulação e Domínio Semântico de Determinação, outros mecanismos serão utilizados para o tratamento dos dados. Dessa forma, estruturamos este trabalho em quatro partes: introdução, apresentação

da teoria e procedimentos enunciativos, análises e discussões e, por fim, considerações finais.

### **Semântica do Acontecimento: teoria e procedimentos enunciativos**

Proposta por Eduardo Guimarães (2002, 2007, 2009, 2018), a Semântica do Acontecimento (SA) compreende que os sentidos são constituídos tomados na História, na relação da língua com a própria língua. Para Guimarães, o enunciado configura uma “[...] unidade semântica de análise, definida por sua relação de integração ao texto” (GUIMARÃES, 2018, p. 8) Em outras palavras, é na enunciação que os sentidos são constituídos e significados e o enunciado, por sua vez, é tratado como parte de um texto.

A SA parte dos pressupostos da opacidade da língua e do sujeito. A língua não é transparente e sua relação com o real é histórica. O sujeito também não é transparente, ou seja, não controla os sentidos, é agenciado a dizer o que diz pelo espaço de enunciação: “O Locutor só é Locutor enquanto falante determinado por este espaço político do dizer, o espaço de enunciação” (GUIMARÃES, 2009, p.50). Desse modo, a enunciação, enquanto acontecimento da linguagem, constitui-se em uma relação do sujeito com a língua, sendo essa relação uma prática política, pois instaura o conflito no centro do dizer (GUIMARÃES, 2002, p.8).

Para que possamos compreender como essa prática política é importante é preciso considerar que o acontecimento de linguagem se dá no espaço de enunciação, conceito que Guimarães apresenta como sendo “[...] um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas, enquanto espaço político” (GUIMARÃES, 2002, p. 18), isto é, corresponde a um espaço de relação entre línguas e falantes, caracterizado por uma disputa incessante pela língua numa relação de inclusão/exclusão. Assim sendo, o falante, tomado pelo espaço de enunciação, é agenciado a falar (GUIMARÃES, 2018).

Na SA, a cena enunciativa se configura a partir de um falante agenciado pelo espaço de enunciação e que estabelece uma relação de alocação. Falante, portanto, não é uma pessoa física, mas uma figura linguística que é constituída a partir da relação de línguas no espaço de enunciação (GUIMARÃES, 2018). O falante na cena enunciativa se divide em duas posições, quais sejam, a do Locutor (L) e a do alocutor-x (al-x), ambos com seus correlatos, Locutário (LT) e alocutário-x (at-x), e nos permite observar o modo de dizer, um desdobramento da relação entre L e al-x, representado pelo Enunciador (E).

No que diz respeito à argumentação, também assumimos a posição de Guimarães (2018, p. 95) que a considera como “o elemento do processo de significação, produzida pelo acontecimento da enunciação”. Em outras palavras, trata-se de uma orientação do dizer que é determinada por uma memória histórica e que se configura no acontecimento linguístico pelo agenciamento das figuras enunciativas do Locutor, Alocutor-x e Enunciador. Nesse sentido, a argumentatividade linguística é constituída na cena enunciativa, fazendo parte do que agencia o falante em locutor (GUIMARÃES, 2018, p. 273).

Outro conceito importante da teoria de Guimarães é o da temporalidade. Como já discutido, o sentido se dá no acontecimento em uma relação entre língua e sujeito permeada pelo conflito. Assim, para que isso ocorra, é instaurada pela enunciação uma temporalidade que é diferente de uma temporalidade cronológica ou de uma temporalidade instaurada pelo sujeito. O acontecimento instaura sua própria temporalidade. No acontecimento de linguagem a enunciação instaura um presente e, para constituir sentido, a partir das relações de linguagem contidas no enunciado, remete a um memorável que não é formado por lembranças pessoais, mas por enunciações passadas. Essas memórias de sentidos de enunciações passadas são projetadas para o futuro e para possíveis interpretações.

A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações passadas, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro [...] o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de convivibilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação (GUIMARÃES, 2002, p. 12).

Para analisar o sentido de uma forma linguística, a SA propõe dois procedimentos enunciativos: a Articulação e a Reescrituração. A Articulação corresponde a “[...] uma relação de contiguidade significada pela enunciação” (GUIMARÃES, 2009, p. 51). Ela pode acontecer de três modos distintos: 1) por dependência, quando os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui no conjunto um só elemento; 2) por coordenação, quando se apresenta por um processo de acúmulo de elementos numa relação de contiguidade; 3) por incidência, quando há relação entre um elemento e outro sem uma relação de dependência estabelecida (GUIMARÃES, 2009, p. 51). Já as relações de Reescrituração são definidas pela maneira como um termo é redito em um texto. Sobre esse procedimento de análise, Guimarães (2007) diz:

A reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado. Esta reescrituração é o procedimento que coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido de um texto (GUIMARÃES, 2007, p. 84).

Segundo Guimarães (2018), entre os modos de apresentação desse mecanismo de análise podem ser observadas as seguintes relações de sentido: a) sinonímia, quando a reescrituração apresenta uma palavra ou expressão como tendo o mesmo sentido que a outra à qual se liga; b) especificação, quando atribui elementos de sentido ao reescriturado pela expressão que o reescritura; c) desenvolvimento, quando produz um desenvolvimento do sentido da expressão ou termo reescriturado; d) globalização ou totalização, quando o reescriturado determina generalizações; e) enumeração, lista os termos, os enumera, não necessariamente de forma somatória; f) definição, quando estabelece uma relação de definição entre a reescrituração e o reescriturado (GUIMARÃES, 2018).

No intuito de representar a análise das relações de Reescrituração e Articulação, temos o DSD (Domínio Semântico de Determinação) que se caracteriza por “[...] uma interpretação do próprio processo de análise e deve ser capaz de explicar o funcionamento do sentido da palavra no corpus especificado” (GUIMARÃES, 2007, p. 81). Essas relações de sentido são demonstradas por meio de representações gráficas, sinais ( $\perp$ ,  $\perp$ ,  $\top$ ,  $\vdash$ ), para a relação de determinação, (-----), para a relação de sinonímia, e (\_\_\_\_\_), para a relação de antonímia.

Ademais, temos a paráfrase, que pode ser considerado um mecanismo de análise, um teste pelo qual o analista permeia as possibilidades interpretativas a partir das relações de sentido apresentadas pelas reescriturações e articulações.

A paráfrase é um teste. A partir de determinado acontecimento, o analista testa as possibilidades de paráfrase para entender os sentidos de determinada enunciação; testa a performatividade do enunciado. Isso significa que, em determinado enunciado, moradia pode ser parafraseado por residência, ao passo que em outro, moradia e residência são itens distintos (SOUZA, 2019, p. 35).

A partir desses mecanismos de análises mobilizados para este trabalho, podemos observar o modo como os sentidos de felicidade são constituídos no corpus selecionado, o

que, de certa forma, nos faz compreender como lugares políticos tratam, para a população, a relação entre a felicidade e a própria política.

### **Sentidos de felicidade no governo Bolsonaro**

Para analisarmos os sentidos de felicidade na contemporaneidade, selecionamos 5 (cinco) recortes veiculados na mídia jornalística brasileira. Para início de nossas análises, temos o primeiro recorte que é uma manchete do jornal Diário de Notícias, do dia 08 de outubro de 2018, antes de Bolsonaro ser eleito.

**R1:**Bolsonaro promete “produzir felicidade”.

Nesse primeiro recorte, temos a palavra felicidade articulada em uma expressão com a palavra *produzir*, sendo que ambas estão entre aspas, indicando que foi uma fala de Bolsonaro, então candidato à Presidência da República. Essa articulação constitui o sentido de que a felicidade é algo que pode ser produzida e que, enquanto o candidato não estiver no lugar de presidente, não pode fazer nada. Mas, ao estar no lugar de Presidente ele poderá produzir esta felicidade. Também, nesse lugar, ele sustenta a posição de que poderá produzir esta felicidade, sendo que, apesar de não ter especificação de quem será feliz, há, na cena enunciativa, um lugar de alocutário funcionando, que é de população brasileira.

Uma outra questão que o enunciado nos traz quanto aos sentidos de felicidade é por conta de um memorável recortado, em que felicidade é algo que nem precisa de explicação para se dizer o que é, ou seja, todos já sabem o que é a felicidade. Além disso, outro memorável é de que a felicidade é o objetivo da vida de todas as pessoas, então, ao sustentar a promessa de produção de felicidade, o alocutor-candidato se coloca no lugar de que irá trazer o melhor para a vida de todos.

Seguindo para o segundo recorte que selecionamos, a cena enunciativa expõe uma fala do então Presidente da República, Jair Bolsonaro, em conversa com jornalistas, no Palácio da Alvorada, noticiada pelo Jornal digital Uol, em 2019. Vejamos:

**R2:** “Felicidade é não ter corrupção”; Economia é foco para 2020, diz Bolsonaro. “Felicidade é não ter aparecido nada sobre corrupção. Pode acontecer? Pode acontecer. A gente não sabe, né? Mas não apareceu nada. Tem uma certa vigilância nossa no tocante a isso, quase uma obsessão”.

Tal como anteriormente mencionado, a Cena Enunciativa se configura a partir da relação de um falante com uma língua e da divisão desse falante agenciado em L e al-x, além do modo de dizer, representado pela figura do Enunciador. Inicialmente, temos que em R1 o alocutor-presidente fala ao seu correlato, alocutário-população brasileira, da gestão política vigente.

Seguindo para a análise, mobilizando os procedimentos enunciativos propostos na SA, temos que no início do enunciado transcrito acima o termo *felicidade* é reescriturado, por definição, por *é não ter corrupção*, uma vez que estabelece uma relação de definição entre o termo e o reescriturado, constituindo sentido do que seja felicidade. Nessa parte do texto, *felicidade* também está articulada com *é não ter corrupção*, estabelecendo uma relação de dependência, uma vez que formam juntos um só elemento. Porém, *felicidade* não articula-se com *economia é foco para 2020*, posicionando distintamente as pautas, criando uma possibilidade interpretativa de que o sentimento de felicidade não está atrelado à economia do país, somente à inexistência de corrupção. A partir dessas relações enunciativas, podemos compreender que para o alocutor-presidente corrupção e economia funcionam como condições distintas, opostas.

Na sequência, diferente do primeiro enunciado, *felicidade* aparece reescriturada, por definição, por *é não ter aparecido nada sobre corrupção*. Nota-se, também, uma articulação de *felicidade* com *não ter aparecido nada*, apontando para uma relação com a aparência/visibilidade das coisas. Essas relações de sentido sugerem que a ausência de notícias sobre corrupção é suficiente para gerar felicidade, isto é, a percepção do alocutor-presidente sobre felicidade é moldada pela visibilidade dos atos de corrupção, e não necessariamente pela sua real existência. É possível, então, interpretar que para o alocutor-presidente felicidade é significada pelo não percebimento público de atos de corrupção.

Em seguida, a frase continua com *Pode acontecer? Pode acontecer. A gente não sabe, né? Mas não apareceu nada*. Observemos que há na construção verbal *pode acontecer* uma reescrituração de *corrupção*, por elipse, e uma articulação com *não ter aparecido nada*, estabelecendo uma relação entre a possibilidade de corrupção existir e o desconhecimento/ausência de sua exposição pública. Dessa forma, podemos interpretar que há, no enunciado, o reconhecimento de que a corrupção possa estar presente no governo, mas que sua invisibilidade basta para que haja o sentimento de felicidade. Felicidade, portanto, não depende da real ocorrência de corrupção, mas de sua publicidade.

Na última parte do recorte, em *Tem uma certa vigilância nossa no tocante a isso, quase uma obsessão*, nos chama atenção uma certa “ambiguidade” presente no enunciado.

Vejam os novamente **R2**:

**R2:** “Felicidade é não ter corrupção”; Economia é foco para 2020, diz Bolsonaro. “Felicidade é não ter aparecido nada sobre corrupção. Pode acontecer? Pode acontecer. A gente não sabe, né? Mas não apareceu nada. Tem uma certa vigilância nossa no tocante a isso, quase uma obsessão”.

Uma das formas de analisar o trecho é considerando que *isso* reescritura *corrupção*, por elipse, enquanto *vigilância* é reescrita, por definição, por *obsessão* e articulada por incidência com *mas não apareceu nada*, produzindo sentidos que posicionam o governo como isento de corrupção graças à atenção/fiscalização sobre o tema. Todavia, também é crível considerar que *isso*, no enunciado, reescritura, por elipse, *não apareceu nada*, que articula-se com *vigilância*. Nessa linha, temos significando que a vigilância quase obsessiva relaciona-se à publicidade de casos de corrupção, e não da sua existência ou ocorrência.

Do ponto de vista da argumentação, o alocutor-presidente sustenta uma posição a partir de dois argumentos principais, quais sejam:

- 1) A felicidade está diretamente relacionada à ausência de corrupção;
- 2) A não aparência de corrupção é suficiente para gerar felicidade, mesmo que a corrupção possa existir de fato.

É possível, então, construirmos as seguintes paráfrases:

- a) Felicidade é não ter corrupção;
- b) Felicidade é não ter evidências públicas sobre corrupção;
- c) Vigilância é para que não haja corrupção no governo;
- d) Vigilância é para que não apareçam publicamente os casos de corrupção que existem no governo.

Assim, observando as relações de sentido em R2, podemos identificar três tipos de enunciadores no acontecimento enunciativo: um enunciador universal, que se apresenta nas afirmações categóricas sobre a definição de felicidade, como se fossem verdades universais; um enunciador coletivo, que aparece quando o alocutor-presidente fala de uma perspectiva coletiva, como na fala “a gente não sabe, né?”; e, por fim, um enunciador individual, que se manifesta quando o alocutor-presidente expressa opiniões ou ações específicas do governo, como na menção à vigilância.

Vejamos, agora, um enunciado que estabelecemos como paralelo ao do segundo recorte, extraído de uma matéria veiculada no jornal digital Correio Braziliense, sobre corrupção no governo Bolsonaro:

**R3:**“Não vou dizer que meu governo não tem corrupção. Eu não posso dar conta de mais de 20 mil servidores comissionados, mais ministérios com 300 mil funcionários, afirmou o presidente”.

O recorte em análise apresenta uma declaração do ex-presidente Jair Bolsonaro, configurando uma cena enunciativa onde o Locutor fala do lugar social de presidente (alocutor-presidente) para a população brasileira (alocutário-população brasileira), abordando diretamente a questão da corrupção em seu governo.

Em R3, o enunciado *eu não posso dar conta de mais de 20 mil servidores comissionados, mais ministérios com 300 mil funcionários* reescreve, por expansão, a negação inicial *não vou dizer que meu governo não tem corrupção*. Essa negação estabelece, paradoxalmente, uma possibilidade de corrupção, enquanto a expansão não só justifica a posição do Locutor como também produz sentidos de que a corrupção é um problema sistêmico. Ainda, *20 mil servidores*” e “*mais ministérios com 300 mil funcionários* articulam-se por coordenação, enfatizando a magnitude do desafio enfrentado pelo governo.

Voltando aos sentidos de felicidade observados em R2, percebemos uma diferença significativa na abordagem do tema em relação a R3. Enquanto em R2 o alocutor-presidente articula a felicidade à ausência (ou invisibilidade) de corrupção, em R3 há o reconhecimento explícito de que o governo pode ser atravessado por corrupção, mas esse fenômeno é tratado como uma questão estrutural e fora do controle direto do alocutor-presidente.

O que antes era tratado como ausente, agora aparece como uma potencialidade interna ao governo, porém, relativizada pela expansão *eu não posso dar conta de mais de 200 mil servidores....* Dessa forma, há um deslocamento da responsabilidade direta do alocutor-presidente para o funcionamento estrutural da administração pública, enquanto em R2 esse deslocamento de responsabilidade recai sobre a ausência de notícias públicas que escancarem a corrupção no governo.

Vejamos, agora, mais um recorte, este recortado de uma matéria do portal Uol, onde o ex-presidente, Jair Bolsonaro, disse ter dificuldades em se adaptar à vida de presidente.

**R4:** “É difícil ter dia para ser feliz, cara, problemas. A vida é sacrificante. Eu estou até feliz de estar com vocês aqui, porque, geralmente, é uma monotonia. É uma monotonia no final de semana. Se vocês não estivessem aqui, eu ia nadar 200 ou 300 metros e ia ao escritório bolar coisas”.

Pensando na palavra *feliz* como expressão para a análise deste recorte observamos como esse termo se relaciona com outras expressões. Iniciamos com trechos em que a palavra *feliz* está em uma relação de articulação por dependência com às expressões *é difícil* e *problemas*. A seguir, podemos observar uma relação de dependência de *feliz* com a expressão *a vida é sacrificante*. Nessa perspectiva e a partir dessas relações, podemos observar que, no primeiro trecho analisado, as expressões *é difícil*, *problemas* e *a vida é sacrificante* sustentam sentidos de que a felicidade não é fácil de ser alcançada e que o alocutor-presidente, dificilmente, tem dia feliz devido questões ou problemas que surgem no governo.

Em seguida, temos uma relação de articulação por incidência observada na expressão *eu estou até feliz de estar com vocês aqui*; o termo *vocês* remete ao alocutário X que é o lugar dos jornalistas. Esta relação constrói sentidos de que a companhia dos jornalistas não deixa o alocutor-presidente feliz, porém naquela ocasião ele estava feliz com a presença dos profissionais. Os excertos *geralmente*, *é uma monotonia* e *é uma monotonia no final de semana* constroem sentidos de que a presença dos jornalistas estava servindo como uma distração naquele momento, uma vez que o final de semana não apresentava novidades ou não apresentava variação.

Logo no início do enunciado podemos notar que às expressões *é difícil ter dia para ser feliz*, *problemas* e *a vida é sacrificante* estão em uma relação de conflito político com os excertos *geralmente*, *é uma monotonia* e *é uma monotonia no final de semana*. Na Semântica do Acontecimento o político é entendido como a contradição que instala o conflito no centro do dizer, pois, “por se dar nos espaços de enunciação, o acontecimento de linguagem é um acontecimento político” (Guimarães, 2002, p.17). Nas expressões acima destacadas, esse conflito político pode ser observado, pois ao mesmo tempo que é colocado que é difícil ter dia para ser feliz devido a *problemas* e que *a vida é sacrificante* podemos observar em seguida uma relação oposta, uma vez que é colocado em seguida que geralmente há uma *monotonia*, *uma monotonia no final de semana*.

No recorte estabelecido como paralelo a R4, extraído de uma matéria veiculada no jornal digital Folha de São Paulo sobre a falsificação de certificados de vacinas contra a

covid-19, o ex-presidente é questionado se ele tinha lido a notícia de seu indiciamento. Sem responder diretamente à pergunta, ele enviou um vídeo com a seguinte mensagem:

**R5:** “Por falta de conhecimento... meu povo pereceu. 'Deus, Pátria, Família e Liberdade. Não se preocupem comigo. Eu escolhi esse caminho. Sou um homem muito feliz’”.

Em R5, o enunciado *por falta de conhecimento... meu povo pereceu* articula-se por dependência com a expressão *Deus, Pátria, Família e Liberdade*. Nos enunciados destacados podemos interpretar que o alocutor-presidente ao utilizar o texto bíblico *por falta de conhecimento... meu povo pereceu* tenta se desvincular do indiciamento sobre a falsificação de certificados de vacinas durante a pandemia da covid-19. As relações estabelecidas entre o enunciado *por falta de conhecimento meu povo pereceu* e o enunciado *Deus, Pátria, Família e Liberdade* instauram sentidos de uma população manipulada em relação à notícia veiculada no jornal e ao mesmo tempo constrói sentido de um governo injustiçado e perseguido.

Nos enunciados *não se preocupem comigo* e *eu escolhi esse caminho* estabelecem uma relação de articulação por dependência com a frase *sou um homem muito feliz*. A expressão *esse caminho* é uma reescrituração por substituição à expressão cargo de presidente da república. Nessa perspectiva, as relações observadas nos enunciados destacados constroem sentidos de um alocutor-presidente injustiçado, mas muito feliz em ocupar o cargo de presidente. Pensando no objeto de estudo deste trabalho, ou seja, na palavra felicidade, podemos traçar um paralelo entre os recortes R4 e R5. Assim, nesses dois recortes podemos notar um conflito político. Entende-se essa afirmação uma vez que, enquanto em R4 o alocutor-presidente articula a felicidade como difícil, pois *é difícil ter dia para ser feliz*, em R5 podemos notar a felicidade como algo consolidado o que pode ser observado no enunciado *sou um homem muito feliz*. Dessa forma e com base nas relações discutidas em R5, construímos as seguintes paráfrases:

- a) Felicidade é a população não se preocupar com o Presidente da República.
- b) O cargo de Presidente da República traz felicidade.
- c) O Presidente da República é um homem muito feliz.

O parafraseamento sustenta sentidos de que o cargo de Presidente da República traz felicidade, portanto, a população não precisa se preocupar com ele, uma vez que o presidente é um homem muito feliz. Uma outra questão que surge com essa sustentação é que recorta

o memorável de sacrifício, de que o lugar de presidente suscita um sacrifício da própria felicidade para que a população possa ser feliz.

### **Considerações finais**

Ao longo das análises empreendidas, observamos um movimento de sentidos do que seja felicidade, produzidos por alocutores diferentes. Um alocutor-candidato se apresenta com a promessa de produzir felicidade, esta sendo dada como principal objetivo da vida da população, ainda que não haja uma definição precisa do que ela seja. Com isso, percebemos um efeito de transparência da língua, em que um termo é apontado como óbvio e não passível de discussão. Em seguida, apesar de apresentar o mesmo lugar social de alocutor-presidente, vimos que os sentidos vão se alterando, na medida em que algumas ocorrências são narradas durante o seu mandato.

A associação entre felicidade e ausência de corrupção é percebida nos recortes, em que essa ausência é equiparada à falta de visibilidade pública de atos corruptos, e não da sua inexistência real, podendo refletir uma tentativa de manter uma imagem positiva do governo, mesmo diante da possibilidade de práticas corruptas. Essas construções de sentido têm implicações significativas para a compreensão da relação entre governança, transparência e satisfação pública na contemporaneidade brasileira, sugerindo uma valorização da aparência sobre a essência nas práticas políticas e na percepção de bem-estar social.

Ainda, as análises apontam para controvérsias entre afirmar a dificuldade de ser feliz no cargo e, posteriormente, declarar-se “muito feliz”, amparadas no deslocamento de responsabilidade pela corrupção e, conseqüentemente, pela felicidade coletiva, das ações diretas do presidente para fatores estruturais do governo ou para a percepção pública. Dessa forma, os sentidos de felicidade aparecem nos textos analisados como ferramenta retórica para justificar ações ou defender posições do governo. Ou seja, felicidade ao mesmo tempo que é tratada como um conceito absoluto e transparente, é adaptada às necessidades retóricas do momento e da política nos textos, refletindo uma abordagem onde a percepção pública e a gestão da imagem governamental são priorizadas sobre definições concretas de bem-estar social.

## Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**/Aristóteles; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

AMARAL, Luciana. Felicidade é 'não ter corrupção'; economia é foco para 2020, diz Bolsonaro. **UOL Digital**, Brasília, 21 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/12/21/felicidade-e-nao-ter-corrupcao-economia-e-foco-para-2020-diz-bolsonaro.htm>. Acesso: 21 de outubro de 2024.

BERGAMO, Mônica. Bolsonaro: 'Não se preocupem comigo. Escolhi esse caminho e sou feliz'. **Jornal Digital Folha de São Paulo**, 04 de julho de 2024. Seção: Política. Disponível em: <https://www.em.com.br/politica/2024/07/6891470-bolsonaro-nao-se-preocupem-comigo-escolhi-esse-caminho-e-sou-feliz.html> . Acesso: 15 de novembro de 2024.

Bolsonaro promete "produzir felicidade". **Diário de Notícias**, 08 outubro 2018. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/bolsonaro-promete-produzir-felicidade-9966010.html/>. Acesso: 21 de outubro de 2024.

EPSTEIN, I. **Dicionário Incompleto da Felicidade**. 1 ed. São Pulo: Perspectiva, 2018.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas-SP: Pontes. 2002.

\_\_\_\_\_. **A palavra: Forma e Sentido**. Pontes. Campinas, 2007.

\_\_\_\_\_. **A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 51, n. 1, p. 49-68, 2009.

\_\_\_\_\_. **Semântica: enunciação e sentido**. Campinas-SP: Pontes, 2018.

JÚNIOR, MNC; LOPES, LF. A vida feliz: uma reflexão sobre a concepção de felicidade em Santo Agostinho. **Caderno Intersaberes**, v. 9, n. 17, 2020.

SIGLIANI, L. C. de S.; VENTURA, A. “É com alegria que colocamos em suas mãos”: uma análise semântico-enunciativa de professor nas introduções aos PCNs. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. 406-423, 2020.

SOUZA, D. S. de.; VENTURA, A. Paráfrase: um mecanismo de análise da semântica do acontecimento. **Revista Ecos**, vol. 26, Ano 16, nº 01, 2019.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro: "Não vou dizer que meu governo não tem corrupção". **Jornal Digital Correio Brasiliense**, 06 de dezembro de 2021. Seção: Política. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/12/4968540-bolsonaro-nao-vou-dizer-que-meu-governo-nao-tem-corrupcao.html> . Acesso: 10 de novembro de 2024.

URIBE, Gustavo. “É difícil ter dia para ser feliz”, diz Bolsonaro sobre a vida na presidência. **Folha Uol Digital**, Brasília, 21 de dezembro de 2019. Disponível:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/12/e-difcil-ter-dia-para-ser-feliz-diz-bolsonaro-sobre-vida-na-presidencia.shtml> . Acesso: Acesso: 10 de novembro de 2024.